

---

# CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO COMO PONTO DE PARTIDA PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR

**Maria do Socorro Lucena Lima**

Universidade Estadual do Ceará/UNILAB

**Elisangela André da Silva Costa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

*Resumo:* O presente texto resulta de um movimento investigativo realizado no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, que objetivou compreender os desafios presentes nas trajetórias de formação, vida e trabalho dos pós-graduandos. A pesquisa foi orientada pela abordagem qualitativa, valorizando o contexto e as experiências dos sujeitos, inspirando-se na pesquisa colaborativa. Foram utilizadas como estratégias de aproximação com a realidade a revisão de literatura, a observação participante e a construção de registros escritos junto aos estudantes. Os resultados apontam que os principais desafios vividos pelos pós-graduandos em sua trajetória formativa se relacionam à perspectiva de competitividade presente no contexto da pós-graduação *stricto sensu*, que acaba por desumanizar este espaço.

*Palavras-chave:* Formação. Professor pesquisador. Pós-Graduação *stricto sensu*.

## CONDITIONS OF LIFE AND WORK AS A STARTING POINT FOR THE TRAINING OF TEACHERS AS RESEARCHERS

*Abstract:* This text results from an investigative movement carried out in the Graduate Program in Education of the Ceará State University, which aimed to understand the challenges present in graduate students' training, life and work trajectories. The research was based on a qualitative approach, valuing the context and the experiences of the subjects and drawing inspiration from collaborative research. The literature review, the participant observation and the construction of written records with the students were used as strategies of approximation with reality. The results point out that the main challenges faced by graduate students in their formative trajectory are related to the competitiveness perspective present in the *stricto sensu* graduate context, which ends up dehumanizing this space.

*Keywords:* Training. Teachers as Researchers. Stricto sensu graduate studies.

## *Introdução*

O presente texto nasceu de proposta metodológica do Seminário intitulado “Ensino com Pesquisa”, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE – UECE). Como disciplina optativa, a nossa proposta foi trabalhar as possibilidades formativas dos alunos matriculados para uma postura pedagógica de professor pesquisador, uma vez que a maioria deles já exercia o magistério e vivenciava a escrita da Tese de Doutorado ou a Dissertação de Mestrado.

O próprio nome do Seminário foi um provocativo para a solicitação de que cada aluno, mesmo antes do início das aulas, enviasse às professoras uma carta explicando os motivos que o levava à opção por esta atividade curricular. Assim, tivemos o cuidado de dialogar com os alunos, uma vez que as cartas revelavam um forte desejo de relacionar o desenvolvimento da disciplina com suas pesquisas ou objetos de estudo expressos a partir de expectativas como: melhor aprofundamento do assunto, contribuição com o objeto de pesquisa, busca de soluções para problemas reais, atuação na perspectiva de professor pesquisador. O desejo de investir na docência no Ensino Superior vinculou-se à compreensão da pesquisa como elemento indispensável para o ingresso e permanência neste nível de educação.

Tendo como inspiração Nóvoa (1995), quando afirma que o professor (pesquisador) é uma pessoa e parte importante dessa pessoa é professor (pesquisador), indagamos: em que condições de vida e trabalho os alunos da pós-graduação realizam suas atividades de pesquisa? Esta pergunta serviu de eixo para as discussões ocorridas no decorrer das aulas, bem como a mobilização de atividades pedagógicas decorrentes desse problema. Para tanto, foram abertas rodas de conversas provocadas por perguntas e reflexões, através das quais os alunos puderam expressar suas necessidades, partindo do cuidar de si para dar conta da pesquisa no contexto das demais atividades acadêmicas e da vida pessoal e profissional.

Temos como objetivo, neste texto, compreender os desafios presentes nas trajetórias de formação, vida e trabalho dos pós-graduandos que conosco fizeram o percurso de estudos sobre professor pesquisador. Para tanto, metodologicamente, a pesquisa foi orientada pela abordagem qualitativa, valorizando o contexto, as experiências, valores e concepções dos sujeitos (MINAYO, 2004). Quanto ao método, nos inspiramos na pesquisa colaborativa, que propõe a investigação e a construção do conhecimento com os sujeitos e não sobre os sujeitos (PIMENTA, 2005). Foram utilizadas, como estratégias de aproximação com a realidade, a revisão de literatura pertinente à

temática, a observação participante e a construção de registros escritos pelos estudantes, orientados por quatro perguntas de cunho pessoal, através das quais esses sujeitos puderam expressar suas necessidades, reflexões e descobertas acerca da necessidade de cuidar de si para dar conta da pesquisa no contexto das demais atividades acadêmicas e da vida pessoal e profissional.

Após a socialização dos registros, os mesmos foram submetidos à análise coletiva pelo próprio grupo, identificando os conteúdos expressos e sua relação com as discussões acerca da formação do professor pesquisador, tendo como referenciais teóricos Zeichner (1992), Lima (2012, 2016) e Ghedin et al. (2015), entre outros.

A relevância deste tema relaciona-se ao fato de a experiência ter nascido das necessidades do grupo e possibilitado o diálogo a partir dos reais interesses dos alunos.

### *A formação de professores para a pesquisa e pela pesquisa*

O conceito de professor pesquisador e os princípios epistemológicos a ele relacionados vêm sendo abordados desde as décadas finais do século passado como forma de materializar propostas educativas que superem a perspectiva da racionalidade técnica que reduz a compreensão do professor a um consumidor de conhecimentos produzidos por especialistas, em direção à compreensão do mesmo como um intelectual capaz de construir conhecimentos sobre a sua profissão.

Para Franco (2008, p. 11):

O sentido de formação prática, que historicamente permeou os percursos formativos no Brasil, não tem como pressuposto libertar o sujeito para que este se aproprie de suas circunstâncias e perceba as possibilidades de criar seu fazer em sintonia com os sentidos de sua existência histórica.

O viés tecnicista, historicamente presente nas formações oferecidas aos professores, tanto nos cursos de educação superior como na formação continuada, não contempla a pesquisa como princípio formativo. É muito comum observar, na Universidade, posicionamentos que hierarquizam as relações com a pesquisa em detrimento das práticas pedagógicas.

Ao priorizar os elementos de natureza técnica na formação de professores e em seu trabalho, os processos formativos acabam por naturalizar a dicotomia entre teoria e prática, entre pensar e agir, saber e fazer. Esta visão mecanicista e fragmentada dos processos formativos secundariza, ou mesmo desconsidera, as dimensões política, técnica e ética da docência (RIOS, 2010),

afastando-se de perspectivas críticas de leitura e intervenção na realidade e de construção de autonomia.

As políticas educacionais que emergiram nas décadas finais do Séc. XX, alimentando-se das críticas à perspectiva mecanicista dos processos formativos desenvolvidos nos diferentes níveis de ensino, elegeram a concepção do professor pesquisador como referencial para a construção das propostas de reforma. Tal escolha fez com que se tornasse evidente uma contradição que se vem constituindo como marca da sociedade contemporânea e que pode ser compreendida através da reflexão tecida por Franco (2008, p. 113):

O professor — que por séculos foi visto como aquele que detém um saber suficiente para ser transmitido a alunos selecionados pela pirâmide social, aplicador de procedimentos metodológicos, gerenciador de disciplina — passa a ser requisitado como um profissional crítico e criativo, pesquisador de sua prática, envolvido com questões político-sociais, numa perspectiva de inclusão de toda diversidade cultural emergente, para concretizar os ideais de uma educação inclusiva, democrática, participativa.

Em contraposição à postura segmentada que caracterizou a formação de professores pautada na perspectiva da racionalidade técnica e na busca da identidade de professor pesquisador que supere a perspectiva da reflexão como slogan que marca as políticas educacionais em direção à consolidação da autonomia por parte dos docentes, Ghedin et al (2015, p.98) defendem uma educação científica, mediada pela pesquisa, onde o professor “passa a ser sujeito do seu próprio conhecimento, ao problematizar e registrar as suas experiências pedagógicas”.

Charlot (2002) chama atenção para os desafios de materialização das reflexões sobre a relação entre teoria e prática e, ainda, sobre a possibilidade da pesquisa em educação entrar na sala de aula, apontando que o professor está exposto a emergências que precisa resolver no dia a dia da docência e, desse modo, não resta a este profissional o tempo e as condições objetivas suficientes para refletir. Assim, aponta que “O papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar intelegibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali” (CHARLOT, 2002, p. 91).

Pimenta (1997), considerando os desafios relacionados à formação e ao trabalho docente, defende que a pesquisa se constitui como um princípio cognitivo de compreensão da realidade e como um princípio formativo na formação de professores. Tal pensamento dialoga com as reflexões de Ghedin et al (2015, p.53), ao afirmarem que:

A pesquisa como princípio educativo e cognitivo nos conduz a uma nova compreensão e visão sobre o professor, pois à medida que o compreendemos e o formamos como sujeito do conhecimento, mais

percebemos que ele não deve desempenhar uma função meramente técnica. Assim, o professor torna-se um sujeito que além de produzir seu próprio conhecimento, ele se torna aquele que também é construtor de seu próprio modo de ser e fazer-se autonomamente à medida que produz seu próprio conhecimento.

No contexto da sociedade em que vivemos, extremamente marcado pela evolução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, pela globalização e pela redução de fronteiras geográficas e temporais, a construção da autonomia nos processos formativos se constitui como um desafio (SIBILIA, 2012). A rede mundial de computadores promove o acesso rápido a informações relativas às mais diferentes áreas do conhecimento, facilitando a socialização de experiências, recursos e métodos de trabalho. No entanto, é perceptível, também, a prática de consumo acrítico das informações que circulam neste espaço.

Desse modo, é necessário promover o salto entre os atos de acessar informações e construir conhecimentos. Este segundo movimento envolve, de acordo com Ghedin et al (2015, p. 54), diferentes etapas que vão desde o trabalho com as informações, no sentido de classificá-las, analisá-las e contextualizá-las até a utilização consciente dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. Nesse sentido, a problematização da realidade e a busca por respostas, através da pesquisa e da reflexão, partem das preocupações mais imediatas dos professores pesquisadores, mas devem gradativamente ampliar-se, saindo de uma dimensão individual para uma dimensão coletiva.

Segundo Zeichner (1992), os processos reflexivos devem considerar: que a prática reflexiva deve concentrar-se nos professores, levando em consideração tanto o exercício profissional como as condições sociais em que ocorre; a compreensão de que os atos dos docentes são políticos e que devem direcionar-se a objetivos de natureza emancipatória; o reconhecimento da dimensão coletiva da prática reflexiva enquanto prática social, apontando para a necessidade de que escolas se constituam como comunidades de aprendizagem que têm a possibilidade de interferir de maneira significativa na realidade da sociedade onde se encontram situadas, sendo importante compreender que:

Se, por um lado, as ações educativas dos professores, nas escolas, obviamente, não podem resolver os problemas da sociedade por elas mesmas, por outro, elas podem contribuir para a construção de sociedades mais justas e mais decentes. Os professores devem agir com uma clareza política maior sobre quais interesses estão sendo privilegiados por meio de suas ações cotidianas. Eles podem ser incapazes de mudar alguns aspectos da situação atual, mas ao menos estão conscientes do que está acontecendo (ZEICHNER, 2008, p. 546).

Assim, ao promover o diálogo entre os elementos de natureza individual e coletiva do exercício da docência, o professor realiza o exercício de compreensão dos fenômenos do ensinar e do aprender na perspectiva da totalidade, colocando em evidência as tensões e contradições presentes no contexto social mais amplo, assim como as correlações de poder existentes no campo educacional.

O professor, dentro dessa perspectiva, tem a possibilidade de constituir-se cada vez mais como um sujeito de relações, como um profissional que atua em um contexto específico, mas que não perde de vista os espaços mais abrangentes de participação; que alimenta e constitui sua identidade no movimento próprio do exercício profissional, ao mesmo tempo em que é alimentado e constituído pela interação com os demais sujeitos da prática educativa; é, por fim, considerado um intelectual que utiliza seu cotidiano e todas as características presentes no mesmo como fontes de pesquisa para a compreensão cada vez mais ampliada e mais humana de seu papel e de seu valor dentro da formação e da vida de seus aprendizes (LIMA, 2016).

A pós-graduação, compreendida como espaço privilegiado de formação do professor pesquisador, precisa considerar além dos elementos que se relacionam à pesquisa como um princípio científico e formativo, as trajetórias de vida e formação dos pós-graduandos, suas experiências com a pesquisa, os desafios de sua vida pessoal e profissional. Tais elementos se constituem, dialeticamente, como limites e possibilidades da construção identitária do professor pesquisador. Deixá-los de lado significa valorizar, mais uma vez, a dimensão técnica do formar para a pesquisa em detrimento das demais dimensões (ética, política e estética) que se relacionam a formar pela pesquisa.

É necessário articular a formação para e pela pesquisa como referenciais político-pedagógicos e epistemológicos no contexto da educação superior e da pós-graduação *stricto sensu*.

### *Dialogando com os estudantes*

A aproximação com as reflexões trazidas pelos estudantes se fez a partir da mediação de diálogos gráficos. Ao longo dos encontros eram utilizadas formas de representação diversas, como a mandala pedagógica, para traduzir o plano de atividades a ser desenvolvido em cada Encontro. O objetivo de tais diálogos era relacionar o desenvolvimento da disciplina com as pesquisas ou objetos de estudo do grupo, tendo como postura metodológica a pesquisa como eixo fundante na docência no Ensino Superior.

Desse modo, na medida em que estudamos o referencial teórico pertinente à temática, lançamos perguntas de cunho pessoal, convidando os sujeitos a expressarem necessidades, reflexões e descobertas relacionadas ao seu processo de construção identitária como professor pesquisador. Para manter sigilo em relação às identidades dos estudantes que participaram da experiência, utilizaremos a abreviatura formulada a partir da palavra Estudante vinculada a uma letra do alfabeto (EA, EB, ..., EL).

As questões em pauta foram: 1. Em que condições de vida e trabalho faço minha pesquisa? 2. Estou cuidando bem de mim? O que podar e o que cultivar? 3. Quais os principais desafios nesse momento da vida? 4. Que sugestão você daria para quem está fazendo pesquisa neste momento?

### **Primeira reflexão: em que condições de vida e trabalho faço minha pesquisa?**

Através das respostas fornecidas pelo grupo, percebemos que as condições de vida e trabalho presentes no exercício de construção das pesquisas de mestrado e doutorado dos estudantes se dividem entre os que dispõem de condições financeiras, familiares e de tempo favoráveis para o exercício do direito de cursar a pós-graduação e os que continuam trabalhando e estudando.

O fato de não ser liberado do emprego para cursar a pós-graduação é agravado por fatores como:

*O fato de residir distante do local do emprego implica em dificuldades para realizar o acompanhamento e apoio a familiares em situações diversas. Tal fato soma-se às obrigações de estudo e sua carga de obrigações, promovendo situações de tensão e preocupação que interferem de maneira negativa na capacidade de concentração de energias para a materialização das pesquisas, leituras e outras demandas acadêmicas (EC).*

*Para os alunos que residem em outras localidades, as dificuldades de interlocução e convivência entre amigos e familiares, que permanecem em outros municípios distantes geram sentimentos de solidão e sensação de falta de apoio para enfrentamento dos desafios postos pelo dia a dia da pós-graduação (EE).*

*Mesmo com a redução de carga horária, a concomitância com o trabalho como professor do curso de licenciatura, a pesquisa e as leituras é realizado nos intervalos na biblioteca, dificultando as possibilidades de aprofundamento ou mesmo compreensão das temáticas estudadas (EG).*

As boas condições de vida e o apoio dos familiares permitem aos demais alunos cuidar desse momento com muito discernimento, tentando no dia a dia encontrar o equilíbrio para as diferentes demandas relacionadas ao trabalho, casa/família e estudos.

Há um reforço para a disponibilidade de buscar e de alternativas, no sentido de procurar possibilidades de atravessar esse tempo de pesquisa, que é a pós-graduação, como nos falou um dos alunos: “Somos movidos a projetos, a buscas e isto é o que impulsiona às lutas (EA).”

O diálogo aqui apresentado nos lembra Almeida (2014), quando ensina que as transformações nas relações professor-aluno se movimentam na direção de modificações de caráter didático-pedagógico, no sentido de auxiliar os estudantes nos espaços coletivos e individualizados de ensino, de forma a favorecer a articulação da aprendizagem com a formação dos sujeitos envolvidos.

### **Segunda reflexão: Estou cuidando bem de mim? O que podar e o que cultivar no meu jardim da Pós-Graduação para que minha pesquisa seja realizada?**

Tomando como ponto de partida para a Roda de Conversa a letra da composição musical de Vander Lee, intitulada “Meu Jardim”, quando estudamos as perguntas acima registradas, observou-se que o “cuidar bem de si” de forma a favorecer a disponibilidade para a escrita da pesquisa ficou mais no plano das intenções:

*Na procura de cuidar bem de si, cada vez mais, buscando eliminar do cotidiano as coisas que não contribuem com tal cuidado (EB);*

*No reconhecimento da necessidade de organização dos hábitos alimentares, o sedentarismo e os impulsos de consumo (EI);*

*Na vontade de cultivar rotinas de estudo, convivência familiar e de organização financeira (EK).*

Foi observado, ainda, o reconhecimento da falta de cuidado com essa passagem pela Pós-Graduação:

*Queria caminhar, fazer exercícios, porém, estou adiando e me alimentando de forma não saudável (ED).*

*Queria poder meus hábitos relacionados a alimentação e a inércia ao realizar atividades físicas (EH).*

*Acho que devo e estou tentando cultivar o equilíbrio, mas é uma tarefa árdua (EJ).*

A lembrança da organização de vida ou a falta dela foi conduzindo o debate, de forma a ficar sintetizado que o equilíbrio deve ser uma realidade e isso exige vigilância para continuar. É uma utopia no sentido freireano do “ainda não”, mas na busca (FREIRE, 1992).

*Cuidar bem de si, na medida do possível, procurando proteger-se de tudo que conscientemente é considerado prejudicial. É preciso cuidar também do espírito, da alimentação, da atividade física, etc (EF).*

*É preciso podar um pouco de excesso do medo de errar, de tomar posições no agir e no falar, se expor mais, se arriscar mais, se atrever, enfrentar, desafiar. Cultivar o otimismo, a serenidade e a firmeza mediante problemas complexos (EL).*

As reflexões dos estudantes nos remetem à compreensão da necessidade de superação da visão fragmentária que o pensamento moderno acabou por provocar em nossas vidas. Ao tratar de forma dissociada elementos da realidade para compreendê-la a partir do paradigma positivista, tal pensamento acabou por provocar a fragmentação do conhecimento e de nós mesmos que passamos a tratar de forma dicotômica o pensar e o agir, a racionalidade e a sensibilidade, entre outros elementos.

Os indicativos apresentados pelos estudantes acerca do cuidar de si, em tempos de pós-graduação, apontam para a necessidade de reconhecimento de sua integralidade e inteireza, como sujeitos, o que demanda dos professores de pós-graduação o exercício de sensibilidade para compreender as marcas das vivências trazidas por estes sujeitos em suas trajetórias.

Corroboramos com o pensamento de Araújo (2016, p. 32) quando se posiciona em defesa da sensibilidade nos processos de formação dos professores e da dimensão estética desta formação “[...] como possibilidade de aprendizagem a partir da problematização de afetos, ou seja, da exteriorização da subjetividade como caminho a ser percorrido rumo à apreensão da objetividade, da interpretação do mundo e do seu eu como sujeito cognitivo”.

### **Terceira reflexão: Quais os meus principais desafios nesse momento da vida?**

O ingresso em um curso de mestrado ou doutorado marca o início de um tempo em que as rotinas com a família, com o trabalho e com as amigas sofrem significativas alterações em decorrência da necessidade de reorganização diferentes atividades das quais os pós-graduandos participam.

Participar de eventos, cursar disciplinas e obter os créditos necessários, produzir, publicar e pesquisar são alguns dos muitos elementos que se inserem

no cotidiano dos pós-graduandos. O peso de tais atividades não recai apenas sobre os mesmos, enquanto indivíduos, mas sobre seus orientadores e sobre o próprio programa, que é periodicamente avaliado a partir de elementos de produtividade indicados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como reflete Lima (2012).

As discussões realizadas pelos sujeitos em relação aos principais desafios presentes no tempo de vivência da pós-graduação estiveram ligadas à conciliação da rotina de cuidados com as relações estabelecidas com familiares, colegas de trabalho e de significado com a própria rotina do curso.

Há, nos posicionamentos dos estudantes, o reconhecimento da necessidade de modificação da forma como organizam seu tempo para dar conta das inúmeras questões apontadas, em meio a dificuldades de operacionalizar tais mudanças, de modo a avançar em cuidar mais deles próprios, da sua pesquisa e das obrigações inerentes ao curso em que estão matriculados. A fala de um dos sujeitos exemplifica a complexidade da questão: “como conseguir ser pai no meio do furacão chamado doutorado? (EA)”.

O desafio seria o de encontrar os caminhos certos para prosseguir no andamento da pesquisa. Nesta discussão, trazemos Zabalza (2004), quando aborda a importância de atentar para a profissionalização docente como forma de promover a aprendizagem efetiva dos alunos para que, assim, constituam-se enquanto pessoas e profissionais competentes e críticos.

#### **Quarta reflexão: Sugestões para quem está fazendo pesquisa neste momento?**

Inseridos nas atividades curriculares da pós-graduação, que aliam a obrigatoriedade de publicação e outras demandas próprias do curso, como as leituras, os Seminários e outros encargos cotidianos, este debate trouxe as seguintes sugestões:

*É importantíssimo conseguir o apoio da família. Preze pela fidelidade aos seus ideais e princípios, valorizando o equilíbrio entre o trabalho e vivência familiar (ED);*

*Tenha amigos que ajudem em sua discussão acadêmica e que participem de sua vida pessoal (EL);*

*Frequente os Eventos de Educação com o objetivo de conhecer a produção acadêmica da sua área e a vida de outras pessoas de sua área (EK);*

*Consiga afastamento de seu trabalho (EG);*

*Planeje os detalhes sobre o local onde vai acontecer sua pesquisa (EF);*

*Conhecimento do professor orientador e sua linhagem teórica e metodológica (EA);*

*Nunca acumule leituras e fichamentos. Pesquisar exige foco, serenidade e crença de que o que vai fazer é algo fantástico (EN).*

Complementando as sugestões, os estudantes ainda acrescentaram outras posturas que podem ajudar quem está fazendo pesquisa neste momento, como:

*Mesmo diante das exigências postas pelo universo da pesquisa no contexto de adversidades; de estranhamento decorrente de diferentes linhas de pensamento, concepções e acepções, é preciso manter o foco, estudar, pesquisar, ter disciplina, perseverança, humildade e encantamento pelo objeto de análise da pesquisa (EM).*

Aconselhar quem está fazendo pesquisa supõe pensar no outro para além da condição de pesquisador, mas também como um ser humano, considerando os elementos sociais e culturais presentes não só em sua identidade individual como coletiva. Neste contexto torna-se importante a relação com os seus companheiros de jornada, como bem ressaltou um dos alunos participantes da pesquisa, ao sugerir: “Mantenha a calma! Siga ‘com os pés no chão’ e não dissocie o seu EU pessoal do profissional, busque sempre conservar o equilíbrio entre o corpo e a mente, invista na pesquisa, mas também em você. Viva, curta, seja feliz! (EJ)”.

Corroborando com este entendimento, Ghedin, et al (2015, p.13), afirmam que o ensino com pesquisa “[...]caracteriza-se por uma atitude interdisciplinar que privilegia a pesquisa durante a sua prática, dialogando com os outros saberes para produzir um novo conhecimento”.

Assim, compreendemos que o pesquisador também é protagonista da pesquisa pois, ao construir saberes, constitui sua identidade a partir da premissa de que o pesquisador é sujeito de sua própria prática.

### *Considerações finais*

A formação do professor pesquisador tem se apresentado para nós como um desafio de múltiplas faces. Imaginamos que tal desafio superou o “como fazer” e as “metodologias ativas”, pois trata-se de uma postura diante da construção do conhecimento pedagógico e o respeito à especificidade do mesmo. Ensinar pesquisando e pesquisar ensinando provoca a capacidade de elaboração de diferentes perguntas em torno dos fenômenos do ensinar e do aprender, tendo a pesquisa como elemento fundante.

Dessa forma, as pistas deixadas pelas escritas e debates deste tempo de aprendizagens pedagógicas deixaram claro o motivo da confluência dos alunos para esta disciplina, quando percorreram o Seminário com o foco de pesquisa como eixo fundante. Partiram das suas reais condições de vida e de trabalho para a compreensão do seu lugar de professor pesquisador no desenvolvimento do seu objeto de análise na sua pesquisa.

Os achados da pesquisa requerem uma retomada à provocação inicial: em que condições de vida e trabalho os alunos do doutorado realizam sua pesquisa? Com esta indagação, passamos a destacar os principais achados desta reflexão:

- △ A representação da ideia de horizontalidade desenvolvidas nos diálogos gráficos idealizados em forma de mandalas para a sistematização dos trabalhos promoveu atividades de descobertas pedagógicas de “ensinar com pesquisa e pesquisar ensinando” como suporte metodológico para trabalhar o conhecimento da educação superior;
- △ O *continuum* da pesquisa aplicada no estudo do referencial teórico previsto no Plano de Ensino do Seminário, trabalhado com a utilização de fichamentos para a fundamentação das produções coletivas se constituiu como um processo de descobertas no campo da Didática do Ensino Superior tanto para as professoras como para os alunos;
- △ A perspectiva de construção de um texto coletivo, como o que ora se apresenta, afasta a postura de aulas polarizadas entre a fala do professor e a apresentação de Seminários realizados pelos alunos, o que deixou professores e alunos mais abertos ao diálogo. Esperamos que esta e outras experiências nos alentem com uma esperança criativa de renovação pedagógica.

Reconhecemos os limites dessa experiência, mas acreditamos que esse se constitui como um caminho que se abre e que nos ensinou, sobretudo, que o respeito às condições objetivas dos alunos da pós-graduação conseguiu aproximá-los dos problemas comuns. O fato de poder dividir suas dificuldades e partilhar os seus tropeços ajuda na construção do conhecimento e caminha na direção contrária a posturas competitivas, tão comuns nestes espaços institucionais.

## Referências

- ALMEIDA, M. I. Fundamentos pedagógicos e didáticos da prática docente universitária e o lócus privilegiado para o seu desenvolvimento. In: Alda Junqueira Marin; Selma Garrido Pimenta. (Org.). *Didática - teoria e pesquisa*. 1.ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2015, v. 01, p. 125-138.
- ARAÚJO, R. R. *A Dimensão Estética da Docência na Formação de Professores*. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza: UECE, 2016.
- CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In GARRIDO, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 89-110.
- FRANCO, M.A.S. Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.1, p. 109-126, jan./abr. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28079>>. Acesso em 01 jul 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GHEDIN, E.; OLIVEIRA E. S.; ALMEIDA, W. A. *Estágio com pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2015.
- LIMA, M.S.L. *Estágio e aprendizagem da profissão docente*. Brasília: Liber Livro, 2012.
- \_\_\_\_\_. Prática docente na sala de aula da “pós-graduação stricto sensu” e o uso TICs. In *Anais... XVIII Endipe*. Cuiabá: UFMT, 2016.
- MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004, , 269 p.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p.13-33.
- PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/13709/selma%20pimenta.pdf>>. Acesso em 01 jun 2017.
- \_\_\_\_\_. Professor: formação, identidade e trabalho docente. In PIMENTA, S.G. (Org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1997.
- RIOS, T.A. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SIBILIA, P. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 224p.
- ZABALZA, M. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZEICHNER, K. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90 in NÓVOA, António. *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992, p. 115-138.

\_\_\_\_\_. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. In *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/12.pdf>> Acesso em 01 jun 2017.

---

### Sobre as autoras

**Maria do Socorro Lucena Lima** é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE da Universidade Estadual Estadual (UECE), na linha Docência no Ensino Superior e na Educação Básica. Professora Visitante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

**Elisangela André da Silva Costa** é Professora Adjunta do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), atuando nas disciplinas de Didática, Práticas de Ensino e Estágio Curricular Supervisionado.

*Recebido em: 15/8/2017*

*Aceito para publicação em: 20/10/2017*